

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Correio Braziliense

CLASS. : Política Indigenista
Oficial

DATA : 05 02 91

PG. : 13

1341

Funai muda sigla mas fica com Passarinho

Numa reunião de duas horas, no Palácio do Planalto, o presidente Fernando Collor decidiu ontem o destino da Fundação Nacional do Índio (Funai). O órgão ou o seu sucedâneo — o Instituto Nacional Indigenista, que deverá ser aprovado pelo Congresso Nacional — continuará vinculado ao Ministério da Justiça, só que "sucateado". Esta foi a expressão usada pelas principais lideranças indígenas do País, que se reuniram em Brasília para aguardar o veredito.

A Funai cuidará apenas da questão fundiária; a saúde dos índios será encargo do Ministério da Saúde; a educação, do Ministério da Educação; o meio ambiente, da Secretaria Nacional de Meio Ambiente; a auto-sustentação, do Ministério da Agricultura e Reforma Agrária.

Cercado pelos ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, secretário da Receita Federal, Romeu Tuma, e presidente da Funai, Cantídio Guerreiro, Collor anunciou o vencedor da surda batalha que vinha desenrolando-se nos gabinetes do Ministério da Justiça e da Secretaria Nacional do Meio Ambiente, cujos titulares defen-

diam propostas diferentes para os índios. O secretário do Meio Ambiente, José Lutzenberger, não participou. Mandou representante, porque está no exterior, e perdeu a queda-de-braço para o ministro Jarbas Passarinhos.

Lutzenberger defendia a extinção pura e simples da Funai e a criação de uma Secretaria Especial do Índio vinculada à Presidência da República. "A Funai não tem mais crédito", dizia, constantemente. Mas o ministro Passarinho, aliado a Cantídio Guerreiro, também militar reformado, resolveu fazer da continuação do órgão indígena em seu ministério, "um ponto de honra".

A Funai será, então, "enxugada" — dos seus quatro mil, 500 funcionários atuais, apenas dois mil 600 têm estabilidade, segundo um dos dirigentes do órgão. Para cuidar somente de questões fundiárias e jurídicas, a Funai poderá ficar com mil e 500 funcionários. Atualmente a Funai mantém 84 por cento dos seus servidores lotados em Brasília. Na opinião do presidente, isso representa uma grande distorção, já que a maioria desconhece a realidade indígena.